# Saberes profissionais de professoras de educação infantil: a mediação de conflitos entre crianças

Aline Sommerhalder\* Crislaine Augusta Buzinari\*\*

### Resumo

Este artigo decorre de uma pesquisa concluída sobre saberes profissionais de professoras de educação infantil diante de momentos de conflitos que ocorrem entre crianças no cotidiano escolar. Teve como questão de pesquisa: Que saberes profissionais são mobilizados por professoras da educação infantil, em situações de conflito entre crianças? O objetivo foi identificar, a partir das vozes de professoras, quais são os saberes construídos por essas profissionais para lidar com situações de conflitos entre crianças nas práticas pedagógicas da educação infantil. Trata-se de uma pesquisa na perspectiva qualitativa, descritiva e exploratória, que teve como participantes professoras da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo, atuantes em creches municipais. Entre os resultados, destacam-se o diálogo, a aproximação com as famílias e a compreensão da dinâmica do desenvolvimento infantil como saberes dessas profissionais. Conclui-se que esses saberes são importantes processos mobilizados como ferramentas de mediação de conflitos entre crianças e precisam ser compartilhados, refletidos e valorizados no âmbito da docência na educação infantil.

Palavras-chave: Conflitos. Crianças. Educação infantil. Práticas pedagógicas. Saberes profissionais.

### Introdução

A educação infantil no Brasil é um direito conquistado pela população, tendo sido primeiramente entendido como uma assistência às mulheres trabalhadoras e, posteriormente, como um direito efetivamente das crianças, visando sua educação e seu desenvolvimento. Essa alteração para a compreensão de que se trata do

> Recebido: 09/06/2015 - Aprovado: 07/01/2016 http://dx.doi.org/10.5335/rep.v23i1.6359

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Docente do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas. Doutora em Educação Escolar e Pedagoga. E-mail: sommeraline1@gmail.com

Pedagoga pela Universidade Federal de São Carlos. Professora de Educação Infantil. E-mail: cris@hotmail.com

atendimento a crianças decorre de mudanças históricas do papel da criança dentro da sociedade. O entendimento sobre criança e infância é diferente em diversas comunidades e culturas, pois o significado é também relacionado com as práticas sociais que ocorrem no cotidiano de diferentes grupos sociais.

O tema conflitos entre crianças na educação infantil se apresenta como um desafio nas práticas pedagógicas e para a docência nessa etapa da educação básica. Os fazeres docentes englobam aprender a lidar com os conflitos cotidianos entre crianças e envolve a mobilização de um conjunto de saberes profissionais que, por vezes, não são valorizados como aprendizagens importantes da profissão entre os professores de educação infantil e pelos pesquisadores da área.

Vale ressaltar que professores/as de educação infantil ainda são, muitas vezes, profissionais invisibilizados no reconhecimento de seus saberes profissionais. Os saberes docentes são construídos a partir de diversas fontes, identificadas por Tardif, Lessard e Lahaye (1991): de contextos pessoais, como história de vida; de formação escolar anterior, como da escola básica; da formação profissional para a docência, como nos cursos de formação inicial e continuada de professores; das próprias experiências profissionais, como aquelas que são vividas em sala de aula e na escola, e dos materiais (como livros didáticos) que são utilizados no trabalho. Tardif (2002) anuncia que os professores precisam socializar os conhecimentos por eles produzidos em suas práticas cotidianas de docência, de modo que outros grupos possam reconhecê-los como produtores de saberes, e, assim, impor-se como grupo produtor de um saber oriundo de sua prática profissional, podendo reivindicar um controle legítimo.

Nesse sentido, tem-se como questão de pesquisa: Que saberes profissionais são mobilizados por professoras da educação infantil em situações de conflito entre crianças? O objetivo foi identificar, a partir das vozes de professoras, saberes construídos por essas profissionais para lidar com as situações de conflitos entre crianças nas práticas pedagógicas da educação infantil.

A concepção vigente nos documentos oficiais que norteiam a educação infantil no Brasil, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), a Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2006a), os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006b) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), apontam, dentre outros aspectos, para a importância do ambiente e das relações que nele acontecem para o desenvolvimento da criança.

Nessas relações sociais, encontra-se um cenário nem sempre tranquilo para crianças e adultos. Os conflitos fazem parte da rotina na educação infantil, e os profissionais, especialmente os docentes, que ali atuam são solicitados cotidianamente para uma ação pedagógica visando sanar os conflitos vividos entre as crianças. Esses profissionais são chamados a ações pedagógicas visando à resolução do conflito de modo a incentivar o desenvolvimento saudável e integral de cada criança.

As crianças constroem sua moralidade e os conceitos de certo e errado progressivamente nas relações vividas. Quando se inserem no contexto da rotina da educação infantil, elas entram em um mundo social no qual existem pessoas de diferentes culturas, costumes e histórias que mantêm uma boa convivência, respeitando regras de convívio. Nesse cenário de relações sociais entre crianças e adultos, os conflitos acontecem. Nesse contexto, tomando os estudos de Barrière et al., compreende-se conflito como: "um momento no desenvolvimento de um projeto, no qual aparece o obstáculo que obriga a criança a buscar uma estratégia de solução" (2011, p. 156).

Compondo as relações sociais, as experiências circunscritas por uma situação de conflito contribuem para a organização do grupo, para a construção da identidade, para a assimilação dos valores culturais e para a definição e o fortalecimento de vínculos de amizade, pois as crianças buscam as ações dos outros, provocando e valorizando as possíveis reações, tornando-se cotidiano as expressões de acordos e desacordos com as outras crianças. Em momentos como esse, os conflitos propiciam relações de contradições, de organizações do pensamento e a busca por variadas estratégias que desencadeiam negociações, visando à resolução do conflito.

Os conflitos, ao contrário, não compõem um comportamento negativo no desenvolvimento infantil. Podem ocorrer, em meio aos conflitos, manifestações de agressividade, porém isso não se torna uma regra. Essas relações conflituosas tornam-se positivas quando colaboram para a dinâmica socioafetiva do grupo e enriquecem as articulações entre os projetos de cada criança (BARRIÈRE et al., 2011).

Kramer (2009) esclarece que, entre crianças da primeira infância, as causas mais comuns de conflito são o controle e a posse de brinquedos, a entrada delas em brincadeiras que já estão em andamento, o contato físico que provoca machucados, sejam esses intencionais ou não, disputas pela liderança das brincadeiras e o ato de contar a um adulto uma atitude considerada errada de outra criança, com a expectativa de uma punição.

Quando ocorrem, em uma situação de conflito, ações inadequadas de contato físico que provocam ferimentos e dores, é muito comum a compreensão da criança como uma pessoa violenta, o que acaba por naturalizar uma ação que precisa ser compreendida dentro de um contexto cultural e de relações humanas.

Conforme Luz (2010), a ação violenta pressupõe a intencionalidade, ou seja, é preciso que a pessoa tenha consciência de que sua ação pode causar danos à outra pessoa. Desse modo, essa ação pressupõe que o autor já tenha desenvolvida a capacidade de interpretar e compreender as situações vividas. No contexto da educação infantil, que compreende crianças de 0 a 5 anos de idade, não há como dizer antecipadamente que essas crianças agem e se relacionam de forma violenta, pois, a princípio, mesmo desejando ferir o outro, elas ainda podem encontrar dificuldades para avaliar de forma completa seus atos, as consequências para elas próprias e para o outro, e quais proporções isso poderia tomar em seu contexto social.

Em situações de conflitos cotidianos entre as crianças na educação infantil, a rotina deve ser vivenciada por meio de práticas pedagógicas que facam sentido para elas e não apenas para atender ao que o profissional considera ser o mais adequado para o momento. Isso não significa que os adultos não devam colocar limites às crianças quando essas desrespeitam as regras de convívio social e colocam em risco a integridade física e psicológica dos outros; o que deve ser pensado é o modo como esse limite é apresentado para a criança, por meio de um "contrato" pedagógico. Luz aponta que "[...] o diálogo, a explicação, a indicação de como a criança deve agir em determinada situação deve ser o ponto de partida dessa atitude educativa" (2010, p. 5).

O diálogo é, portanto, o ponto de partida para a mediação dos conflitos. Também é importante uma organização adequada do ambiente escolar e das salas, pois isso também contribui para o desenvolvimento socioafetivo da criança. Nessa organização, é fundamental a garantia de condições de segurança, respeito, atenção e cuidado em relação às crianças. É fundamental um planejamento pedagógico que intencione atividades para a promoção de momentos de aprendizagem significativos e não de desconforto nas relações humanas. Por exemplo, ao colocar apenas um brinquedo para muitas crianças, sem que se estabeleça uma ordem e um tempo para que elas possam manuseá-lo, é uma forma de contribuir para uma situação de conflito.

É necessário pensar nas ações de uma criança sem isolar o contexto em que elas ocorrem, uma vez que o ambiente pode se constituir em um condicionante para o início do conflito, principalmente na educação infantil. Exigir que uma criança permaneça por longo período calada e sentada, oferecer uma pequena quantidade e pouca diversidade de brinquedos, permanecer em espaços pequenos e fechados por muitas horas, não desenvolver experiências em espaços externos e com brincadeiras livres, são condicionantes que podem contribuir para um ambiente propício para a produção de conflitos entre as crianças.

Barbosa (2006) afirma que um ambiente organizado traz segurança e conforto para a criança na educação infantil, a rotina é uma ferramenta pedagógica de organização que pode inibir a ansiedade gerada por um ambiente desconhecido para a criança. Ou seja, deve-se antecipar para a criança os acontecimentos diários, que devem ser flexíveis, quando necessário, para atender as necessidades e os interesses do grupo. Esse ambiente deve ser composto por relações saudáveis para o desenvolvimento infantil, fazendo com que a criança tenha acesso a comportamentos e relações respeitosas, passando a conhecer diversas maneiras para uma convivência saudável em grupo (LUZ, 2010).

O modo como se desenvolvem as relações sociais na educação infantil tem grande influência no desenvolvimento socioafetivo de crianças, pois, convivendo todos os dias no mesmo espaço, esse se constitui um ambiente importante para o desenvolvimento humano da crianca. Caso sejam vivenciadas nesse ambiente relações violentas de resolução de conflitos, as crianças provavelmente não irão conhecer outras formas de agir em situações semelhantes e em diferentes contextos educativos (LUZ, 2010).

Tomando os estudos de Chrispino, que anuncia que "conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento" (2007, p. 15), compreende-se que os conflitos relacionais são experiências presentes em nossa sociedade e cultura, por isso é importante que a criança aprenda a resolvê--los da melhor forma possível, visando o bem comum do grupo com que interage.

Conforme Chrispino (2007), o conflito tem origem a partir de diferentes opiniões e desejos, sendo importante compreender que, nesse cenário, existem posições diferentes sobre um mesmo assunto ou contexto. Com isso, é preciso entender que o conflito é, antes de tudo, uma experiência humana, e é importante ao professor a aprendizagem profissional de diversas formas de mediação, como modo de resolver ou propor caminhos para uma melhor convivência entre as crianças e dessas com os profissionais. A mediação "pode induzir a uma reorientação das relações sociais, novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade, formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais" (2007, p. 23).

### Caminho metodológico

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Além disso, os dados coletados são predominantemente descritivos, e ocorre uma preocupação maior em relação ao processo do que com o produto. Também são considerados os significados que as pessoas dão às coisas e à sua vida.

Participaram deste estudo seis professoras de educação infantil da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo, que atuavam em creches públicas e que, durante a investigação, participavam de um projeto de formação continuada, em parceria com uma universidade pública do interior do estado de São Paulo e com a Secretaria Municipal de Educação dessa cidade. As participantes da pesquisa foram mulheres, e o grupo foi constituído por algumas professoras experientes e outras iniciantes na carreira de docência, sendo que todas tinham formação em Pedagogia.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário composto por questões abertas e um formulário para coleta de informações sobre a formação e a experiência profissional. A composição das questões abertas enriqueceu o instrumento de coleta, que se desenrolou com base em um esquema básico e permitiu certa liberdade nas respostas para as participantes colaboradoras da pesquisa (LÜDKE: ANDRÉ, 1986).

O questionário foi composto pelas quatro questões a seguir:

- 1) Em seu cotidiano de trabalho na educação infantil, você se depara com situações de conflitos entre as crianças? Se sim, explicite alguns exemplos de conflitos mais frequentes.
- 2) Diante de conflitos entre crianças, quais são suas ações docentes mais comuns?
- 3) Essa temática (conflito entre crianças na educação infantil) foi, de algum modo, abordada em sua formação inicial para a docência na educação infantil? Explicite.
- 4) Você considera que o conhecimento sobre modos de mediação de conflitos entre crianças é importante para as suas práticas cotidianas na educação infantil? Explicite.

A identidade das profissionais participantes foi preservada por meio de uso de nomes fictícios, todas foram esclarecidas sobre a pesquisa e concordaram em participar por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Os resultados foram ponderados com base na análise de conteúdo, apresentada por Gomes (1994) e Bardin (1977). A análise de conteúdo possibilita compreender os dados encontrados e responder as questões de pesquisa previamente elaboradas, ampliando o conhecimento sobre o fenômeno investigado (GOMES, 1994). Para a apresentação e a discussão dos resultados, foram construídas três categorias de análise, a partir das respostas apresentadas pelas professoras: 1) Relações dos conflitos com disputa por brinquedos e o desenvolvimento infantil; 2) Saberes das experiências profissionais em práticas pedagógicas com as crianças; 3) Saberes construídos na formação profissional para a docência.

### Resultados e discussão

No presente artigo, serão apresentados e discutidos os principais resultados encontrados na pesquisa a partir das três categorias construídas:

1) Relações dos conflitos com disputa por brinquedos e o desenvolvimento infantil

A maior parte (5) das participantes apontou a disputa por brinquedos como causa mais comum dos conflitos na rotina da educação infantil. Esse dado não é surpreendente, ele reafirma as constatações de Kramer (2009), que aponta que as causas mais comuns de conflito são o controle e a posse de brinquedos, a entrada das crianças em brincadeiras que já começaram, disputas pela liderança das brincadeiras, entre outras.

O fato de mais de uma criança querer brincar com o mesmo objeto já cria uma relação de conflito, pois há um impedimento do objetivo inicial da criança que a obriga a buscar uma estratégia de solução (BARRIÈRE et al., 2011).

Nesse sentido, destacam-se alguns apontamentos das professoras:

Há conflitos pela disputa por atenção das educadoras do berçário (ciúmes) e por brinquedos, às vezes ocasionando puxões de cabelo (Profa. Beatriz).

Sim, mais a maioria dos conflitos é pela disputa de brinquedos que costuma ser frequente (Profa. Da-

A disputa por brinquedos é a mais frequente (Profa. Elaine).

De acordo com Vygotsky (1991), as crianças da primeira infância agem mais pelas emoções, pois não têm compreensão total sobre suas ações, além de não terem totalmente desenvolvida a linguagem, o que aumenta a comunicação dos seus sentimentos por meio dos gestos. Esse autor esclarece que o que caracteriza a situação social de desenvolvimento na primeira infância é a dependência da situação, ou seja, a criança depende do seu campo visual, e cada percepção da criança é seguida por uma ação, como se ela fosse guiada pelas impressões externas.

Torna-se necessária, então, a mediação do adulto nessas relações para que os danos físicos e psicológicos deixem de existir ou, ao menos, se amenizem. As crianças, nesse período, interagem com o adulto respondendo e percebendo a aprovação ou reprovação de seus atos, mas isso não é suficiente para que ela controle por completo suas ações.

Nesse contexto, seguem algumas contribuições das professoras participantes da pesquisa:

[] quanto ao comportamento cor	no, por exemplo,	os puxões de ca	abelo ou mordidas	é necessário
intervir para que não ocorra (Profa.	Beatriz).			

[...] é preciso que elas aprendam a se conhecer melhor e a conhecer o outro, aprendam a se respeitar e serem respeitadas, aprendam a conviver num ambiente acolhedor que lhes dê apoio e limites, o que eu criança posso fazer, o que eu não posso fazer. Enfim, ajudá-los a serem pessoas felizes e a crescerem num ambiente acolhedor que lhes de respeito ao próximo (Profa. Camila).

Ainda segundo Vygotsky (1991), no período da educação infantil, o psiquismo da criança se assenta sobre as funções primitivas que estão ligadas diretamente com o estímulo do meio em que ocorrem as relações, com isso, a conduta da criança depende de um direcionamento educativo, pois, a princípio, quem orienta a ação da criança por meio de palavras é o adulto, logo, essa criança interage com o meio utilizando a palavra para orientar a conduta do adulto e, consequentemente, a criança passa a controlar sua própria atenção, atuando sobre si mesma. Nessa fase, a criança precisa de referências externas para a regulação de sua conduta, que serão posteriormente internalizadas.

Os brinquedos fazem parte do universo infantil e estão presentes nos momentos de brincadeiras existentes na rotina da educação infantil. Porém, a disposição de um único brinquedo para várias crianças certamente ocasionará a disputa pelo mesmo objeto, visto que é um objeto de interesse de todas. Esses momentos podem ser evitados ou amenizados de acordo com o planejamento pedagógico, a organização do ambiente, dos materiais a serem disponibilizados, e com a ação pedagógica dos professores.

Destaca-se um saber profissional compartilhado por uma das professoras colaboradoras deste estudo, quando em situações de conflito por brinquedos:

[...] é oferecido outro brinquedo a uma das crianças envolvidas e há troca de objetos entre os pares para a exploração (Profa. Beatriz).

Outro aspecto de compreensão da existência de conflito, apontada nas respostas ao questionário, decorre da fase de desenvolvimento infantil, conhecida como egocentrismo:

[...] os conflitos mais frequentes decorrem do egocentrismo, que considero bastante acentuado nessa fase, e os casos das crianças quererem dominar a situação, causando dessa forma um desentendimento entre elas (Profa. Fernanda).

[...] por exemplo: criança egocêntrica que pega o brinquedo das mãos de outra criança, criança que bate (Profa. Camila).

Na perspectiva piagetiana, o egocentrismo "se caracteriza basicamente, por uma visão da realidade que parte do próprio eu" (RAPPAPORT, 1981, p. 68), ou seja, a criança não idealiza uma situação em que ela não se sinta incluída. O desenvolvimento é um processo progressivo na tentativa de compreender a realidade com a finalidade de adaptação. Essas diferentes formas de interação chamam-se estágios ou períodos, e cada faixa etária corresponde a determinados tipos de aquisições mentais que condicionam a ação da criança (RAPPAPORT, 1981).

Assim, compreende-se que a criança constrói sua inteligência à medida que amadurece física e psicologicamente por meio de estimulação do ambiente físico e social. É ela quem constrói seu crescimento mental a partir de seu crescimento orgânico, da maturidade neurológica e fisiológica. A maioria das crianças de uma determinada cultura amadurece seus processos biológicos e psicológicos em idades aproximadas.

Considerando a teoria piagetiana, o desenvolvimento segue etapas que caracterizam a aparição de estruturas originais e de uma determinada forma pela qual o indivíduo tenta compreender a realidade, sendo iniciado por meio dos reflexos inatos que gradualmente se modificam. Logo, cada período do desenvolvimento diz respeito a um grupo de características que são alteradas em função da organização mental mais completa. Assim, um sujeito gradualmente se educa nas relações humanas aprimorando a sua capacidade para imaginar, questionar valores sociais, entre outras disposições.

Na perspectiva da teoria piagetiana (PIAGET, 1976), no período sensório-motor, em que se percebe o início da evolução mental, não existe diferenciação entre o eu e o mundo exterior, as vivências são um bloco indissociado entre o meio externo e o interno, então, o que é percebido é relacionado à própria atividade. A consciência se inicia com um egocentrismo inconsciente, que irá alcançar um meio objetivo por meio dos progressos da inteligência sensório-motora, que diferenciam objetos externos do próprio corpo. A criança se encontra em uma fase bem egocêntrica, mas caminha para uma adaptação à realidade.

Já no período de desenvolvimento seguinte, a criança continuará bastante egocêntrica devido à falta de esquemas conceituais e de lógica, sendo caracterizado pela forma lúdica e fantasiosa da realidade. Cabe dizer que o egocentrismo também fará parte do universo intelectual, social e de linguagem da criança, fazendo com que a criança possa enfrentar dificuldades em entender que o outro têm sentimentos, atitudes e desejos diferentes dos seus.

2) Saberes das experiências profissionais em práticas pedagógicas com as crianças

Nesta categoria, destacam-se alguns saberes profissionais que esse grupo de professoras construiu para a mediação de conflitos entre as crianças, em seus próprios contextos de práticas pedagógicas. Dentre as repostas, é possível encontrar o diálogo, o envolvimento da família e os momentos de pensamento da criança como mediações pedagógicas mais frequentes, que ocorrem diante de situações de conflito entre as crianças.

- [...] a ação mais comum é o diálogo (Profa. Fernanda).
- [...] as ações envolvem conversar, dialogar e explicar o que é errado (Profa. Alice).

Segundo Freire (2005), quando estamos no mundo, seja no ambiente familiar, de trabalho ou escolar, estamos com os outros. E estar com os outros significa manter relações com os outros, em um processo de comunicação. Dentre as várias formas de comunicação e de vivência das relações, tem-se o diálogo. O processo dialógico não significa nos omitirmos diante das outras pessoas e nem a elas nos impor; compreende reconhecer minha própria humanidade e reconhecer a do outro. Esse processo permite refletir, programar, avaliar e transformar as ações dos seres humanos no e com o mundo.

O autor aponta que o diálogo se define pela palavra que deve ser verdadeira, comprometida com a transformação no mundo, não deve ser puro verbalismo. A perspectiva de diálogo é constituída pela dupla dimensão da palavra, que deve articular: a ação e a reflexão, ou seja, a palavra possibilita a pronúncia e a transformação do mundo. Segundo Freire (2005), o diálogo deve conter alguns elementos, como o amor ao mundo e aos homens, tomando o amor como um compromisso que necessita de uma postura de humildade, pois se não sou humilde me considero autossuficiente, o que impossibilita um diálogo. Além disso, o autor destaca o ato de confiar como elemento essencial ao diálogo, pois permite uma relação horizontal na busca pelo aprendizado, e a esperança, que implica conhecer os erros e acreditar na mudança, por meio da ação.

Assim como eles aprendem a engatinhar, falar, comer sozinhos precisam também aprender sobre boa convivência e respeito ao próximo. E nós professoras temos que dar esse exemplo e sermos modelo para nossos alunos sempre (Profa. Camila).

Isso fortalece a ideia de coerência nas ações docentes em diversas circunstâncias, como nas mediações de conflitos entre as crianças. O envolvimento da família nesse processo é um saber em destaque para essas professoras, entendido como uma ação colaborativa para o desenvolvimento integral da criança.

Cabe ao professor que tenha uma competência polivalente, ou seja, educar, cuidar, conhecimento dos diversos eixos de aprendizagem, reflexão sobre a prática, diálogo com seus pares e familiares, observações registros, planejamento e avaliação ou fichas de acompanhamento (Profa. Camila).

Conversas individuais ou em grupos e em alguns casos específicos conversa com os pais (Profa. Daniela).

A conversa com os pais ou familiares, apontada pelas professoras, deve se realizar com a finalidade de entender as ações da criança para uma ação pedagógica em parceria com a família, buscando realizar uma prática coerente com a realidade e as condições psicológicas, físicas e culturais de cada criança, visando ao aprendizado e ao desenvolvimento adequado para cada uma e ressaltando o respeito às pessoas e às regras de convívio em grupo. Luz lembra que "[...] o diálogo, a explicação, a indicação de como a criança deve agir em determinada situação, deve ser o ponto de partida dessa atitude educativa" (2010, p. 5). Portanto, o entendimento e o esclarecimento dos fatos podem ser o ponto de partida para a mediação dos conflitos entre crianças.

#### 3) Saberes construídos na formação profissional para a docência

Essa categoria se refere ao processo de construção de alguns saberes profissionais sobre a temática dos conflitos na educação infantil, e que se constroem na formação inicial.

[...] a formação teórica do curso de formação inicial é muito importante para saber as ações pedagógicas necessárias em certos comportamentos das crianças que são inadequados, porém acredito que este tema deve ser abordado com mais frequência nas formações continuadas dos educadores (Profa. Beatriz).

O que nos ajudou foram informações práticas e valiosas da psicóloga que nos assessora pela prefeitura, por meio dos cursos, mas também ressalto as conversas com as crianças, suas famílias, experiências práticas do dia a dia (Profa. Camila).

Segundo Rossetti-Ferreira (2009), em razão da complexidade da docência e dos fazeres pedagógicos com crianças pequenas, os professores são levados a tomar decisões rapidamente e, em algumas situações, não refletem posteriormente sobre as próprias ações pedagógicas. Desse modo, alguns saberes profissionais são pouco compartilhados com os colegas, pouco analisados, e, com isso, tem-se pouca visibilidade e valorização dos conhecimentos desses profissionais.

Segundo Tancredi (2009), a docência é uma profissão complexa, os professores precisam ampliar cada vez mais seus conhecimentos para o ensino, transformando suas práticas em função do contexto de atuação. "Ser professor não cessa quando a aula termina" (2009, p. 15), pois abrange participar na escola, na comunidade, assumir uma postura ativa perante os estudantes, buscando transformações da realidade. Isso se encontra em um cotidiano de incertezas, imerso em repostas e ações rápidas e acertadas e em situações imprevistas, tornando o trabalho docente ainda mais complexo.

Entende-se que os saberes profissionais são adquiridos ao longo da vida do professor, não apenas em cursos de formação inicial, mas também em sua trajetória de vida, em seu percurso escolar, como aluno, em processos de formação continuada, nas próprias práticas profissionais, sendo que esses saberes são conquistados por meio de uma aprendizagem contínua, que é individual, mas também coletiva, e que precisa ser compartilhada, de modo a instigar momentos sistematizados para reflexão e valorização desses conhecimentos.

### Considerações finais

A rotina na educação infantil é composta por muitas experiências vividas entre as crianças e entre elas e os profissionais responsáveis, inclusive, como abordado neste texto, em situações de conflito. Partiu-se da compreensão de que conflito é "como um momento no desenvolvimento de um projeto, no qual aparece o obstáculo que obriga a criança a buscar uma estratégia de solução" (BARRIÈRE et al., 2011, p. 156), e de que "conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento" (CHRISPINO, 2007, p. 15).

Em meio a inúmeras experiências que acontecem na rotina da educação infantil, a mediação dos conflitos deve ser pensada e planejada para ampliar o conhecimento de possíveis práticas de soluções dos conflitos. Tratar o conflito como algo que faz parte das relações humanas vivenciadas por crianças e adultos é um exercício importante:

Podemos observar os conflitos como positivos, pois os confrontos são parte da construção das relações entre crianças e a realidade física que as rodeia, longe de nos parecer unicamente negativos e destrutivos, resultam reveladores da dinâmica afetivo-cognitiva do grupo de crianças e da maneira como podem articular-se aos projetos de cada um (BARRIÈRE et al., 2011, p. 153).

É importante também entender o espaço físico e a rotina em que acontecem os conflitos, refletir sobre o que está ao redor dessas relações é essencial para compreender os reais motivos de conflitos entre as crianças. Nesse sentido, é importante planejar a rotina, o espaço, os materiais disponibilizados. Além do diálogo e das explicações, é necessária uma organização adequada do ambiente, pois isso também contribui para o desenvolvimento da criança, em especial a dimensão socioafetiva. É necessário pensar na conduta de uma criança sem isolar o contexto em que ela ocorre, pois o ambiente pode ser um potencializador para que o conflito aconteça.

Esse ambiente deve ser vivido cotidianamente por meio de relações saudáveis, permitindo que a criança experiencie relações respeitosas, passando a conhecer maneiras de se ter uma boa convivência em grupo. As ações dos adultos devem fazer sentido para as crianças, o ato de colocar de castigo, gritar ou falar grosseiramente não ampliam as estratégias de resolução de conflitos.

Este estudo apontou que, entre os saberes profissionais, o diálogo como orientador da ação pedagógica, iniciada pelas professoras e incentivada entre as crianças, foi a metodologia mais utilizada em situações de conflito entre as crianças. O envolvimento da família também foi citado pelas profissionais, compreendendo que essa aproximação com a família deve ser feita para beneficiar as relações e fortalecer vínculos, e não apenas para apontar os problemas.

O estudo em questão possibilitou o levantamento de alguns saberes profissionais de docentes que atuam com crianças pequenas, aproximando-se assim do pensamento de Tardif (2002), quando indica que os professores precisam dedicar-se a formular, objetivar e traduzir suas práticas profissionais de modo que seus saberes sejam acessíveis e também úteis para outros colegas de profissão.

A partir dos resultados encontrados, outras questões de pesquisa surgiram: como potencializar o diálogo com crianças que estão se apropriando da linguagem oral? Quais as formas de mediação quando a agressão entre crianças se torna prática constante em situações de conflitos? Essas questões e outras podem subsidiar a produção de outros estudos colaborativos para a compreensão e o aprofundamento das discussões sobre essa temática.

## Knowledge of early childhood education teachers: conflict mediation among children

#### Abstract

This article results from a survey of undergraduate research completed on professional knowledge of teachers in early childhood education, triggered before moments of conflicts that occur among children in school life. As research question was: What are the teachers knowledge mobilized by early childhood professionals, in situations of conflict between children? The objective was to identify, from listening to the voices of teachers what are the knowledge built by those professionals to handle conflict situations children in pedagogical practices in early childhood education. This is a survey on the qualitative, descriptive and exploratory perspective and that the participants were teachers of municipal schools in a city in the state of São Paulo, working in daycare centers. Among the results, there is dialogue, rapprochement with families and understanding the dynamics of child development and knowledge of these professionals. We conclude that these knowledges are important processes deployed as tools to mediate conflicts between children and need to be shared, valued and reflected in both teaching in early childhood education.

Keywords: Childhood education. Children. Conflicts. Pedagogical practices. Professional knowledge.

### Referências

BARBOSA, M. C. S. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRIÈRE, M. et al. Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 5/2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, p. 14, 18 dez. 2009.

. Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. 134, n. 248, seção 1, p. 27833, 23 dez. 1996.

. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação, Brasília: MEC: SEB, 2006a, 32 p.

. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2006b.

CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediacão. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28. jan./mar. 2007.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-80.

KRAMER, S. Retratos de um desafio: criancas e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU. 1986.

LUZ, I. R. da. Relações entre crianças e adultos na educação infantil. In: SEMINARIO NACIO-NAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1, 2010. Anais... Belo Horizonte: [s. n.], 2010.

PASQUALINI, J. C.; FERRACIOLI, M. U. A questão da agressividade em contexto escolar. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. (Org.). Ensinando aos pequenos de zero a três anos. Campinas: Alínea, 2009. p. 133-162.

PIAGET, J. A equilibração das estruturas cognitivas: o problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RAPPAPORT, C. R. et al. Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento, conceitos fundamentais. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1981.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Os fazeres na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2009.

TANCREDI, R. M. S. P. Aprendizagem na docência e profissionalização: elementos de uma reflexão. EdUFSCar, 2009.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação, Porto Alegre, Pannonica, n. 4, p. 215-233, 1991.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.